

TRANSMISSÃO DE SABERES NO BARRACÃO

TRANSMISSION OF KNOWLEDGE IN THE SHED

Wiliam Euller Sousa Sá

Universidade Federal do Maranhão

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7387-2925>

238

Gisele Soares de Vasconcelos

Universidade Federal do Maranhão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2551-3251>

DOI: 10.21680/2595-4024.2024v7n2ID37806

Resumo

Este artigo descreve e reflete acerca dos atravessamentos de como a manifestação do bumba meu boi nos fez chegar ao barracão do boi da Floresta e das influências dessa prática na produção artístico-pedagógica. Refletindo sobre esses espaços de iniciativas socioeducativas o artigo discute três aspectos que envolvem o boi da Floresta, localizado no bairro da Liberdade, São Luís, Maranhão: a) as formas de transmissão de saberes no barracão; b) o papel do barracão para a comunidade e c) o atravessamento do boi nas criações artísticas. Este estudo fez uso da pesquisa de campo, realizando coleta de dados através de entrevistas orais na perspectiva de uma abordagem qualitativa, considerando a necessidade de uma relação subjetiva e horizontal com o espaço e o objeto da pesquisa. Visando o surgimento de novos materiais durante a investigação, apresenta reflexões sobre saberes populares que resultam em diferentes formas do fazer artístico-pedagógico.

Palavras-chave: Bumba meu boi. Cultura popular. Saberes tradicionais. Pedagogia Teatral.

Abstract

This article describes and reflects on the intersections of how the bumba meu boi demonstration brought us to the Boi da Floresta hut and the influences of this practice on artistic-pedagogical production. Reflecting on these spaces of socio educational initiatives, the article discusses three aspects involving the Boi da

Floresta, located in the Liberdade neighborhood, São Luís, Maranhão: a) the forms of transmission of knowledge in the hut; b) the role of the hut for the Community and c) the crossing of the boi in artistic creations. This study used field research, collecting data through oral interviews from the perspective of a qualitative approach, considering the need for a subjective and horizontal relationship with the space and the object of the research. Aiming at the emergence of new materials during the investigation, it presents reflections on popular knowledge that result in different forms of artistic-pedagogical practice.

Keywords: Bumba meu boi. Popular culture. Traditional knowledge. Theatrical pedagogy.

INTRODUÇÃO

Oriunda do desejo e da intuição, a pesquisa monográfica que deu origem a este artigo, é fruto de atravessamentos encontrados nos caminhos da formação do ser-artista-educador. O objetivo inicial era compreender a transmissão de saberes no barracão do Boi da Floresta - grupo de bumba meu boi criado por Mestre Apolônio, no bairro da Liberdade, em São Luís, Maranhão -, mas ao cavar entendimentos sobre o trajeto que a investigação percorreria, percebemos a necessidade de ampliação desse desejo de pesquisa. Antes de um possível distanciamento e das idas ao campo, foi necessário dar ouvidos e espaço às subjetividades presentes na condição humana, reconhecendo esses atravessamentos como potência de pesquisa, de escritas de si e do outro e de trajetos de vida. Nesse processo, resgatamos memórias da infância, a fim de compreender como eu, Wiliam Euller, fui iniciado no universo artístico no bumba meu boi. Assim como em diversas outras manifestações, o bailado do bumba meu boi é feito em roda. “Como em qualquer brincadeira popular, é ali, na roda, que acontece a sensação estética do boi, por exemplo.” (BORRALHO, 2012, p.39). Neste trabalho, utilizaremos da circularidade e estética presentes na “roda do Boi” como fios condutores para descrever os primeiros passos do pequeno Wiliam e narrar essa experiência de reencontro com o universo do bumba meu boi-meu-boi.

Essa roda se abriu por volta de 2006, no meu território de origem, Barreirinhas, município do Maranhão, localizado nos Lençóis Maranhenses. Aos

seis anos de idade, comecei a estudar em um reforço escolar independente, liderado por uma senhora mais velha, conhecida por “Tia Maria José”. O ensino funcionava dentro de sua residência, que ficava às margens do rio Preguiças. Aquele espaço educativo possuía diversos livros, um quintal amplo com muitas árvores, entre elas um pé de seriguela e animais que nos visitavam em sala de aula e, quando não, íamos ao quintal ao encontro deles. Tia Maria José ensinou muitas crianças a ler e transmitiu os saberes adquiridos com o tempo de vida que tinha. Estar inserido naquele espaço me possibilitou acessar uma educação de qualidade, em contato direto com a natureza e saberes tradicionais. Hampaté Bâ, (UNESCO,2010) discorre sobre a importância de práticas de transmissão de saberes ligados à natureza e à experiência cotidiana:

Ao fazer uma caminhada pela mata, encontrar um formigueiro dará ao velho mestre a oportunidade de ministrar conhecimentos diversos, de acordo com a natureza dos ouvintes. (Hampaté Bâ, 2010, p.183).

No fundo de um quintal, uma sábia mulher preta ensinava às crianças sobre os números, escrita e leitura. Sobre as ideias de ambientação escolar, Tiriba (2018) afirma que:

É necessário desconstruir a ideia e a realidade de uma vida escolar entre paredes porque não podemos correr o risco, no processo de democratização do acesso à escola, de estender a todos esse modelo nefasto. Pois o sentimento de respeito à natureza está relacionado à convivência, aos laços afetivos em relação aos lugares, aos seres, às coisas, ao universo biótico e abiótico (Tiriba, 2018, p.341).

Além do bê-á-bá, tabuadas e caligrafias, aquela professora foi responsável por plantar a semente do bumba meu boi em nossas memórias. “Muitas vezes, a experiência entra na sala de aula a partir da memória”, nos diz Bell Hooks (2013, p.123). E assim durante anos, até minha adolescência dancei nos arraiais da minha cidade no boi formado pelas crianças que foram alunos daquela mestra. A imagem abaixo é um registro de minha participação em uma das apresentações promovidas na cidade de Barreirinhas, Maranhão:



Figura 1 - Wiliam com sete anos de idade dançando boi
Fonte: Acervo pessoal

É necessário citar a presença e importância de Cleia Reis, minha mãe, que mesmo ingenuamente, assume um papel importante em minha vida, o papel da ação cultural. Como afirma Teixeira Coelho “[...] define-se a ação cultural como o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura.” (COELHO, 1999, p.33). Em algum lugar ela sabia da importância de estar no boi e o quanto isso viria a colaborar para o meu desenvolvimento. O documento da *Base Comum Nacional Curricular* (BRASIL, 2016), reafirma essa necessidade, quando nos diz: “Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens.”

Por anos, minha mãe me incentivou a dançar e até quando não era possível me acompanhar nas apresentações, ela acabava distribuindo a função à alguma prima mais velha, para não deixar que eu faltasse. Pela pouca idade eu não

entendia o motivo e o que exatamente estava fazendo ali. Talvez nem sabia se gostava ou não. Hoje reconheço que estar inserido no boi, teve um papel crucial no meu desenvolvimento cognitivo, físico e social, me proporcionando uma nova forma de ver o mundo. Através da experiência estética e perceptiva, os elementos visuais, sonoros e demais estímulos, como a sonoridade dos maracás, a materialidade das indumentárias, a movimentação dos vaqueiros de fita¹ e tudo que estava à minha volta, foram ganhando cor de minha infância e fizeram parte do meu desenvolvimento enquanto cidadão. Como apontam as autoras Ribas e Moura (2006):

A abordagem sociocultural enfatiza que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais dos grupos, que supõem o uso de diferentes formas de mediação. A partir desta orientação, entende-se que os mediadores - instrumentos, signos, práticas culturais - são carregados de significação cultural. (Ribas; Moura, 2006, p.130)

Antes mesmo de tornar-se pesquisa, o meu “brincar boi” fez-se na prática e na oralidade do cotidiano, levando-me a pensar sobre a investigação acerca da relação entre práticas orais e escrita, abordada por Hampaté Bâ:

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. (Hampaté Bâ, 2010, p.168).

Hoje busco através dessas experiências iniciais estabelecer uma ligação com a minha pesquisa atual, trazendo para algumas práticas recentes os fundamentos presentes no bumba meu boi meu boi. Pois, “No caso do boi, o componente humano não pode prescindir da sua carga de experiência adquirida no cotidiano, no ato de expressar-se artisticamente, trazendo para a brincadeira todas as informações necessárias que poderão subsidiar essa nova prática.” (BORRALHO, 2012, p.39). Enxergo esse início como uma ação educativa, pois foi através do ambiente escolar e familiar que tive minhas primeiras experiências de escuta e aprendizagem e redescubro nessas memórias coletivas da infância uma

possível potência de uma escrita de caráter reflexivo sobre as vivências e trocas naquele espaço de aprendizagem.

DA CRIANÇA BRINCANTE AO ARTISTA EDUCADOR PESQUISADOR

Com a chegada da fase da adolescência deparei-me com a ausência de ações de promoção da cultura aos jovens. Lembro-me da vontade de estar inserido em atividades culturais, mas na época não havia outros grupos de bumba meu boi na minha cidade. Com esses fatores acabei seguindo outros caminhos e me distanciei das culturas populares, o que continua a ocorrer com muitos jovens e por diversos motivos. Não podemos negar que há uma carência de ações culturais voltadas para a inserção e continuidade na cultura e na arte. Me iniciei no universo artístico e cultural através do reforço escolar independente citado acima, assim como eu, outras crianças poderiam ter a mesma oportunidade mediada pelo ambiente escolar.

O reflexo do meu afastamento com as culturas populares veio dar sinais mais tarde. Após um tempo, percebi em mim essa falta e resolvi buscar lugares onde eu poderia retornar às atividades pausadas lá atrás. Devido ao período de pandemia, retorno à minha cidade de origem e, é lá, novamente em Barreirinhas, Maranhão, que encontro a Companhia Dançata - Grupo cultural de Danças Populares Maranhenses, atualmente sediado em Barreirinhas (MA).

Durante esse período, em meio aos ritmos e formas de dançar, percebi muitas mudanças em mim, mas ainda sentia a falta de conhecer a história e complexidade das culturas populares maranhenses. Movido por essas inquietudes começo a pesquisar informalmente a historicidade do bumba meu boi. No final de 2022, interessei-me pelo personagem Cazumba.

Mestre Abel gosta de dizer: "cazumba é pra fazer rir! E não adianta querer explicar muito se não perde a noção da coisa" Essa afirmação do mestre traz a força de que é mais importante viver a brincadeira do que entender, pois a lógica pode se perder quando achamos que encontramos a noção correta, já que o cazumba transita nas suas possibilidades e não é importante o que está certo ou errado. (Manhães, 2009, p. 114)

Conheci a figura do Cazumba através de um trabalho da disciplina de Práticas Espetaculares da Cultura Brasileira, no curso de Licenciatura em Teatro – UFMA. Esse trabalho me fez realizar uma visita à sede do Boi da Floresta. Na sede fui recebido por Nadir Cruz – coordenadora do boi. Através de sua fala eu podia sentir a força e prazer em estar à frente daquela manifestação e seu papel no lugar em que vive. Ouvi sobre o ano da pandemia e as ações que o boi teve com o bairro.

Em um dado momento fui convidado para descer até o barracão e a conhecer o espaço. Feliz por estar pisando naquele solo, ouvia com atenção cada história que era contada com muita firmeza. Em determinado momento fomos até à biblioteca da sede, que é disponibilizada para as crianças do bairro, com um acervo de livros e com alguns computadores. Naquele momento conclui nos meus pensamentos que além de sagrado, aquele barracão também se faz político. E assim começou a nascer uma vontade de pesquisar e escrever sobre as ações do barracão da Floresta. Em meio a chapéus de fita, couraças e pandeirões, continuamos a conversar e ela me contava das diversas oficinas que eram oferecidas, como o bordado e a percussão e o modo de como esse trabalho tirava os jovens da violência, exclusão e marginalização que os cercam pela falta de políticas públicas.

Semanas após essa visita, produzi meu trabalho para obtenção de nota da disciplina que abordava o Cazumba. A imagem abaixo é um registro desse trabalho que me levou à sede do Boi da Floresta, realizado na disciplina de Práticas Espetaculares da Cultura Brasileira.



Figura 2 - Performance "Cazumbada".

Fonte: Acervo pessoal

No trabalho "Cazumbada", pedindo licença e com respeito à figura, percebia como meu corpo dialogava com essa indumentária, despertando uma espécie de estranheza por ser a primeira vez vestindo-a de forma superficial, pois não tive a oportunidade de experimentar o que as pessoas que estão inseridas dentro do boi vivenciavam. Juliana Manhães afirma que: "A indumentária cria um segundo corpo, uma nova pele, não se trata de vestir alguém, mas de literalmente construir a coisa com um corpo chamado cazumba. Essa roupa indica um gestual, sugerindo ou interferindo na movimentação da brincadeira." (Manhães, 2009, p.16).

Seguindo na trilha da vivência com as práticas artísticas em diálogo com as culturas populares, no ano de 2023, inscrevi-me em um curso de audiovisual. No final do curso gravamos um filme que as locações seriam no bairro da Liberdade e em barracões de grupos de bumba meu boi. Em determinada aula assistimos ao documentário *Brincando na Floresta*, produzido pelas cineastas Giselle Bossard e Nat Maciel que falava sobre o barracão da Floresta, nele havia registros de alguns

meninos aprendendo a tocar instrumentos de percussão. Acabei sendo escolhido para interpretar um morador do bairro da Liberdade e tocador do boi da Floresta. No final da preparação fizemos algumas oficinas com integrantes do boi, entre elas a de percussão, durante essa oficina, identifiquei que o meu professor de percussão, Neto Silva, era uma daquelas crianças do documentário citado acima. Também gravamos algumas cenas com o cantador do boi, Darlan Rodrigues, que assim como Neto era uma daquelas crianças que estavam aprendendo percussão no documentário. Esse fator me gerou uma série de reflexões e questões movidas naquele momento. Entre elas, o quão esse boi é importante na vida de diversas crianças, encontrando assim, o ponto central desta pesquisa: a transmissão de saberes no barracão.

Pensar as diferentes formas de aprender e repassar ao outro, assistir os meninos iniciantes, aprendendo na prática e logo depois ser ensinado por eles foi um dos gatilhos que me moveram a escolher o Boi da Floresta como campo de pesquisa. As imagens abaixo são registros das oficinas e da gravação do filme na sede do boi da Floresta.



Figura 3 - Oficina de percussão com Neto Silva. Fonte: Acervo pessoal



Figura 4 - Bastidores da gravação ao lado de Darlan Cantador. Fonte: Acervo pessoal

Desde aquele set de gravação o som dos badalos e toadas continuam a soar em meus ouvidos e meses mais tarde resolvi montar um segundo trabalho sobre a figura do Cazumba, dessa vez no Coletivo Cipó – Coletivo formado por estudantes de artes. O trabalho se tratava de uma extensão da pesquisa que eu havia iniciado em 2022.



Figura 5 - Apresentação do Coletivo Cipó no Festival Candeeiro. Fonte: Acervo Cipó

Após diferentes vivências dentro do universo das culturas populares relatadas e descritas acima, me pego refletindo sobre muitas coisas. Entre elas, os caminhos trilhados até aqui e os espaços que ocupo durante este trajeto, a pesquisa de conclusão do curso de graduação no curso de Licenciatura em Teatro, da UFMA, sob a orientação da profa. Dra. Gisele Vasconcelos, me levou de volta ao barracão da Floresta. Toda minha formação aconteceu em espaços públicos, ongs, iniciativas sociais e por esses motivos pedi licença e escolhi o boi da Floresta, que tem práticas semelhantes, para aplicar a pesquisa “Transmissão de saberes no barracão”. Refletindo sobre o meu lugar de pesquisador, entendo que nesta pesquisa não sou um brincante desse boi e pego-me pensando em como retornar a esse campo de pesquisa, ainda com olhos acesos voltados para as experiências anteriores.

TRANSMISSÃO DE SABERES NO BARRACÃO

O bumba meu boi do Maranhão é uma das maiores manifestações populares do Brasil, podendo carregar diferentes variações e particularidades de acordo com cada grupo e região. Antes de abordar o atual contexto em que o bumba meu boi encontra-se é necessário revisitar e fazer um recorte em seu passado, compreendendo que “A história do Bumba Boi é uma forma de encontrarmos mecanismos pelos quais as classes subalternas tentam se impor em face das tentativas de disciplinamento das classes superiores.” (Abrão, 2019, p. 11).

Originalmente o bumba meu boi é uma manifestação popular criada e difundida pelo povo preto, como afirma Carolina Martins (2015, p.27): “No século XIX, os batuques, termo genérico que compreendia os encontros festivos realizados por escravos, negros livres e libertos, eram comuns em diferentes regiões do império.” De acordo com estudos sobre essa historicidade, até meados do século XIX as manifestações originárias dos povos pretos eram proibidas e consideradas badernas: “A polícia de São Luís, no século XIX, proibia freqüentemente à realização de folguedos de negros, pois poderiam degenerar em perturbações da ordem pública. Para sair às ruas, os Bois precisam retirar uma

licença junto à secretaria de polícia.” (Abrão, 2019, p. 5). A partir do século XX o bumba meu boi ganha outra dimensão e ocupa outros lugares.

Durante a investigação neste trabalho, ao reconhecer parte desses fatos que compõem a historicidade do bumba meu boi, não seria possível prosseguir na pesquisa sem antes tratar desse aspecto e dar destaque à forte resistência cultural dos grupos e pessoas que estão inseridas na brincadeira. Um ponto importante de reflexão, é reconhecer que as dificuldades encontradas, desde aquela época, só foram enfrentadas devido ao protagonismo e resistência dos que vieram antes e dos que ainda hoje fazem cultura popular no Maranhão.

O bumba meu boi destaca-se em meio a outras manifestações culturais por sua resistência cultural, diversidade, fé e tradição. A brincadeira agrupa os saberes e valores de um povo através das diversas maneiras de brincar. Além dos ritos, ações e tradições, o boi também atravessa os campos pedagógicos, materiais e estéticos, através das toadas, teatralidade, musicalidade, bordado e trabalhos feitos à mão. Além dos elementos citados acima, os grupos de boi também estabelecem uma relação direta com o território em que está inserido. O barracão do boi, que é ponto de interesse deste trabalho, também se ocupa de um papel pedagógico, fruto de um trabalho que não se restringe somente aos meses de maio, junho e julho.

No dia 21 de junho de 2024 eu retorno à sede do Boi da Floresta, localizado no bairro da Liberdade, para coletar os dados e realizar as entrevistas com alguns integrantes do grupo. Inicialmente a entrevista seria realizada com três pessoas, durante a visita senti a necessidade de estender o número de participantes e apliquei a entrevista com mais dois brincantes, resultando em cinco pessoas do grupo, sendo elas: Nadir Cruz, Lucília Melônio, Neto Silva, Ana Karina e Carol Santos.

Figura 9 - Wiliam ao lado de Ana Karina, Carol Santos e Neto Silva.



Figura 9 - Wiliam ao lado de Ana Karina, Carol Santos e Neto Silva.
Fonte: Acervo Pessoal

Para esse estudo, levamos em consideração a importância da tradição oral para a transmissão de saberes no seio da brincadeira do bumba meu boi. Sobre a transmissão de saberes pela tradição oral, Hampaté Bâ afirma que:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados.” (Hampaté Bâ, 2010, p.169).



Figura 9 - Pós entrevista com Nadir Cruz e Lucília Melônio. Fonte: Acervo Pessoal

Segundo Lucília Melônio, o boi da Floresta foi fundado no dia 12 de março de 1972 por mestre Apolônio Melônio. Lucília é sobrinha do mestre e me contou sobre a relação do seu tio com os grupos de bumba meu boi:

Muita gente não sabe, mas quem fundou o Boi de Pindaré foi Apolônio e nessa época, na década de 60 eu tinha nove anos de idade e desde essa época eu brinco no boi. Terminou o primeiro boi, ele deu pra João Câncio e Coxinho. Ele botou um boi no São Francisco, desse boi ele botou um no Sá Viana, do boi de Sá Viana ele fundou o boi da Floresta, que é esse que você está. Ele foi fundado em 12 de março de 1972. - Lucília Melônio, bordadeira e sobrinha do mestre Apolônio.

Perguntei sobre o mestre ter fundado seu primeiro grupo quando tinha oito anos de idade, informação que recebi em uma mediação na Casa do Maranhão e ela respondeu:

Chamava... (Risos) "Ramalhete". Como era criança né? Eles não tinham como comprar a barra do boi, uma senhora foi e doou uma saia velha. Ele criança aceitou, quando o boi deu certo, os adultos perguntavam pro meu tio onde o "Saia Velha" ia brincar. Ele ficava possesso de raiva por chamarem o boi dele de saia velha, mas era chamado Ramalhete - Lucília Melônio, bordadeira e sobrinha do mestre Apolônio.

O mestre de cultura popular Apolônio Melônio é natural de São João Batista - MA e veio do seu território trabalhar em São Luís como estivador. Neto Silva é

brincante do Boi desde os treze anos de idade e sua fala contempla a fala de Lucília sobre a chegada do mestre na atual sede do barracão da Floresta:

Antes de ser Liberdade aqui era uma invasão, o que tinha localizado aqui era o matadouro, um mercado de bois que chegava. Os navios que atracavam na beira-mar também atracavam aqui na Liberdade. Tinha esse canal, Apolônio como estivador veio pra cá e o padre da Igreja Santo Expedito chamou Apolônio e perguntou se ele não queria botar um boi. Ele disse que não tinha dinheiro e o padre disse que emprestava. Como o nome da rua já era floresta, por conta de muito mato, como ainda tem hoje presente aqui atrás da sede... E aí eles botaram o Boi da Floresta de Mestre Apolônio. - Neto Silva, pai Francisco do Boi da Floresta.

Carolina Martins (2015, p.148) em sua pesquisa sobre o boi de Pindaré, reconhece que grande parte dos homens cantadores e fundadores de bumba meu boi trabalhou em atividades portuárias, exercendo a função de estivadores e eram negros migrantes da baixada Maranhense e cita; “Coxinho, João Cância, Apolônio Melônio, Antoninho, Zé Olhinho e outros se deslocaram para a capital na segunda metade do século XX em busca de melhores condições de vida.” Essa afirmação reforça o contexto social da época: “A experiência desses sujeitos, em sua maioria negros, reunidos em torno da brincadeira do boi e também no mundo do trabalho permite perceber um pouco o contexto do Pós-abolição no Maranhão.”

Percebemos que o grupo sempre teve uma relação direta com as crianças da comunidade, pois todos os entrevistados foram acolhidos no Boi ainda crianças. Como descreve Carol Santos, com sua filha ao seu lado:

Ei minha filha vai pra lá! Cheguei aqui com treze anos, através da minha avó e desde pequenininha eu acompanho o boi. Entrei com treze anos, eu era índia e até hoje sou só Índia mesmo. Moro na liberdade desde essa época. E a educação é o aprendizado com os bordados, que hoje eu mexo com eles, entendeu? Eu faço as indumentárias. Aí com os bordados, as danças das tribos, das índias e dos caciques, com a percussão e outras atividades que o boi desenvolve eu vejo cada vez evoluindo bastante (Risos) - Carol Santos, Índia do Boi da Floresta.

O Boi da Floresta desenvolve ações pedagógicas com a comunidade através de oficinas de bordado, percussão e danças. Em meio a um bordado, Nadir narra um pouco sobre as ações do Boi. Sobre essas formas de narrativa Gisele Vasconcelos (2007, p.69) afirma: “No trabalho manual e artesanal, a narrativa flui

espontaneamente no ritmo do trabalho.” Manuseando uma máquina de costura e preparando uma indumentária de um dos brincantes Nadir descreve:

Algumas atividades são feitas no primeiro semestre, no segundo semestre temos novas oficinas, mas são oficinas alternativas, a gente sempre pega alguns brincantes que têm experiências novas e traz para dar oficinas. O segundo semestre é o semestre da gente trabalhar a junção de atividades multidisciplinares com o bumba meu boi, é período da gente trabalhar pinturas, literatura, aulas de yoga e oficinas. No primeiro semestre foram oficinas de bordado, danças, toques e canto. - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta.

Pensando na relação da infância e o boi, Ana Karina e Neto Silva, que gravaram o curta-metragem no barracão comigo no ano de 2022 me descrevem sua chegada no grupo e as experiências que o boi oferece aos envolvidos:

Tinha um projeto aqui chamado Floresta Criativa, o boi sempre passava lá na porta, mas meus pais não deixavam eu participar. Até que eu consegui fazer a cabeça da minha avó pra fazer a minha inscrição no projeto pra eu aprender várias coisas, não só o boi. Disso eu consegui sair no boi e ela conseguiu ver minha evolução, vinha muito jornal pra sede e eu acabava dando muita entrevista. Nisso ela despertou uma coisa que mais na frente ela poderia me ver de outra forma. Três anos depois, comecei a ter experiência em aula e comecei a passar o que eu tinha aprendido durante o projeto para outras pessoas, não só brasileiros mas também pessoas de fora do país. Vieram umas meninas dos Estados Unidos e fizeram uma semana de vivência, eu ensinei elas a bordar e elas terminaram minha saiota. Eu entrei no boi e queria ser pandeirista, mas fui ser cazumba, de cazumba fui ser cacique, de cacique eu fui ser pai francisco. Hoje ao invés de eu tocar, eu danço. Quando eu virei adulto eu comecei a ver essa questão pedagógica, que eu podia pegar tudo que eu tinha e levar pra outros lugares até mesmo de uma forma escolar. Hoje em dia dou muita oficina em escolas e trago elas pra cá pra vivenciar tudo que a gente vive aqui. - Neto Silva, pai Francisco do Boi.

Eu vinha acompanhar o boi desde meus onze anos de idade, minha avó fazia parte do boi... Sempre fui mutuca, nunca dancei no boi, hoje ajudo aqui na organização do boi. Fiquei de maior no boi, perdi minha avó e aí fiquei mais apaixonada no boi, ela era apaixonada pelo bumba meu boi. Desse boi, tive uma filha com um boieiro, dentro do boi (Risos) É assim, de geração em geração, hoje minha filha tem onze anos, faz dois anos que ela brinca no boi. É isso aí, minha paixão pelo boi. Sou mutuca e faço tudo, organizo, venho e cozinho aqui, entendeu? Como eu te falei que o boi aqui eles ajudam muito a gente desde a infância, tem o bordado, passar o dia, vem da escola, eu cresci aqui praticamente aprendendo a bordar. Eles desenvolvem aula de percussão, no bordado, até hoje ainda tem esses projetos. - Ana Karina, Mutuca do Boi.

Percebemos nas falas acima, dois pontos importantes para reflexão. Primeiramente, Neto Silva destaca a oficina como uma prática organizativa de

transmissão de saberes e, logo após, a Ana Karina, nos faz refletir sobre a importância da vivência no cotidiano do barracão e sobre a presença de suas familiares, trazendo em sua memória afetiva, a sua relação com a Avó e a construção de sua própria família dentro do grupo. Os saberes passados de geração em geração fazem parte dos ciclos afetivos presentes dentro da grande família que é o Boi da Floresta e que também podem ser transmitidos para o público externo, por meio de oficinas como práticas organizativas de saberes. É notória, ainda, a importância da inserção das crianças nas atividades para a continuidade da brincadeira. Nadir Cruz, que chegou no boi aos doze anos, nos fala sobre essa experiência da infância:

(...) Eu precisava ocupar o tempo, como eu vinha de uma infância um pouco problemática eu tinha que mudar de vida. Apolônio percebeu o meu potencial e começou a me mostrar algumas coisas de gestão. Ele era um homem com uma experiência muito grande, mas ele não dominava nem a leitura e eu cheguei com um certo conhecimento, embora parada, não estava mais estudando. Uma das primeiras coisas que ele fez foi que eu tinha que voltar a estudar. Eu voltei a estudar, hoje tenho formação superior em Turismo e desde aquela época eu pude contribuir com muita coisa que o boi precisava. Quando ele me deu um tecido pra eu levar minha roupa para levar para a costureira e eu mesmo fiz. A partir daí ele me botou pra fazer a roupa dos brincantes, botou uma máquina velha, comprou tecidos verde e rosa e eu comecei a fazer. Eu ficava o dia todo, tinha comida, bebida, tinha uma casa pra ficar... - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta

O acolhimento do Boi da Floresta proporcionou a Nadir Cruz, além de uma casa, a possibilidade de voltar aos estudos e ter uma formação. Nadir afirma que o boi tem muita importância na vida das pessoas pela promoção ao resgate de jovens e no processo terapêutico que proporciona a eles. A transformação social através do fazer cultural está presente no grupo em diversos eixos. Na área da educação o boi trabalha com formação de crianças na primeira infância. Na área do turismo com jovens e adultos e outras atividades pontuais que acontecem durante o ano todo. Texeira (1889, p.10) é assertivo ao afirmar: “Enquanto uns querem fazer da cultura um espetáculo, pago ou gratuito, outros começam a usá-la para tirar os jovens das ruas e da violência e oferecer-lhes uma alternativa.”

Nadir destaca também que todas as atividades são desenvolvidas pelos próprios integrantes do grupo:

Pessoas que são da comunidade que vai lá fora adquirir conhecimento, quando elas voltam, elas voltam multiplicando esse saber. Por exemplo, Neto fez um curso de audiovisual, na questão do som, então todo projeto que tem ele é chamado para compor a equipe nessa função e assim tem vários outros. Esse material humano é trabalhado dentro do boi, não tem uma grade curricular, é muito espontânea. Mas nós temos um planejamento, todas as nossas atividades são mediante reuniões mensais e bimestrais, tudo muito bem combinadinho. - Nadir Cruz, Coordenadora do Boi da Floresta.

Como nos diz Hampaté Bâ, sobre a transmissão de saberes: “Por outro lado, o ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo.” (Hampaté Bâ, 2010, p. 183). O boi da floresta oferece conhecimento aos brincantes, possibilitando a eles novas possibilidades e perspectivas através do saber cultural:

O importante é que o mote principal das atividades é fazer com que o brincante adquira autonomia social, cidadã, financeira, em várias etapas que o boi oferece. Por exemplo, no bordado com quinze anos eles já começam a aprender a partir da oficina e vão melhorando a prática. Melhorou, vem a etapa do empreendedorismo, é quando eles já são adultos e aí a gente mostra pra eles que aqueles bordado tem rentabilidade financeira e que pode ser transformado em uma profissão. Ele vai ser bom para ambos os lados, ele vai ser bom para o boi, pois vai fazer a manutenção desse saber cultural que é único. Ele vai ser bom pra ele, um futuro empreendedor artesão. Vai ser bom para a sociedade, pois dali vai nascer um futuro professor. E a questão de monetizar esse saber fazer cultural. Então ele é professor que ganha como professor, ele pode abrir um ateliê na casa dele e daqui ele já parte sabendo precificação, como se comportar diante da clientela, como ele vai vender o produto dele, como vai distribuir, até ele adquirir autonomia. Tudo que foi feito comigo, estou replicando - Nadir Cruz, Coordenadora do Boi da Floresta

Estas ações e outros posicionamentos do Boi da Floresta em relação aos que estão envolvidos ali mostram a importância de repassar os saberes recebidos através das práticas organizativas dentro do barracão. Os mestres de cultura popular são mestres de vida, pois através do bumba meu boi modificam a comunidade e o lugar em que o grupo está inserido, como uma prática de arte-ação, como instrumento de mudança estética e social. Na visão de Teixeira Coelho,

a arte-ação, noção lançada por Mário de Andrade, deveria: “promover a consciência da função histórica do brasileiro atual, colocar a arte a serviço da educação e da formação do público”. (COELHO, 1889, p. 08)

Perguntados sobre como veem o Boi daqui há alguns anos, Neto Silva e Nadir Cruz dizem que imaginam o boi com certas modificações mas sem perder a tradicionalidade e originalidade:

Daqui alguns anos esse boi está de pé, com outras características, a cada mão que ele vai passando ele vai se modificando. Talvez com outras características, mas a gente já pode prever que está embutido em cada cabeça de cada um a questão da tradicionalidade. Então ele pode até ter características diferentes, mas a essência vai ser a mesma. - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta

Pensar a relação da modernidade com um boi que se afirma como tal é instigante, pois em um mundo que está repleto de informações e coisas obsoletas, manter a tradição de se reinventar sem se distanciar das raízes pode ser um desafio. Porém este trabalho de conscientização foi iniciado lá atrás por Mestre Apolônio e é seguido hoje pelas pessoas que compõem o Boi da Floresta. A tradicionalidade é um dos motes principais do grupo:

Desculpa me meter, mas é o seguinte: Meu filho pode perceber que muitos grupos de bois já batizaram. O nosso todos os anos, desde a época do mestre sempre foi dia 23, é tradição. São poucos bois que ainda não batizaram, se a gente fizesse isso de batizar outro dia não seria a mesma coisa - Lucília Melônio, bordadeira e sobrinha do mestre Apolônio

Durante as conversas os entrevistados destacaram a importância da tradicionalidade para o boi. Os entrevistados descrevem em seus relatos a sabedoria transmitida no boi da seguinte forma:

A sabedoria que eu acho que o boi transmite é a tradicionalidade, aquela tradicionalidade desde 1972 até 2024. A gente nunca perdeu e sempre continua, então quando uma pessoa olha ele vê a tradição, pois quando olha outro grupo ele consegue diferenciar. - Neto Silva, pai Francisco do Boi.

Tá vendo a miudinha ai, de braço. Ela já aprende por estar aqui, mais tarde ela entra na oficina de ludicidade e aí ela vai conhecer cultura através do lúdico. O bacana disso é que geralmente quem ensina essa oficina é quem já brinca boi, que ela conhece e já tem uma relação. Muitos dos nossos povos adquirem o conhecimento lá fora e aplicam aqui no barracão. - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta

A NOSSA FLORESTA É SHOW

No encontro com o barracão da Floresta, vimos que a transmissão de saberes ali experimentada ocorre de maneira cíclica e quem ensina é quem brinca. Perceber a tradicionalidade como proposta pedagógica de transmissão, é também reconhecer o dinamismo que ela contém. A cultura por si não é estática, os saberes são repassados de geração em geração. Bráulio Tavares (2005, p.142) nos diz que: “A tradição é o chão onde toda a cultura pisa, pois ninguém pisa no ar, ninguém começa nada a partir do zero. Tudo começa a partir de algum passado, de um acúmulo.” A oralidade e a tradição presentes nas ações que o Boi da Floresta proporciona para a comunidade é uma nova perspectiva de futuro para as pessoas que estão chegando ou já inseridas no grupo. Promovendo outros sentidos, identificação e narrativas orais com a tradicionalidade.

Além disso, compreendemos que dar espaço e liberdade ao imaginário das crianças e jovens possibilita o surgimento de novas potências para o cenário cultural, pois aos oito anos de idade o Mestre Apolônio montou seu primeiro boi, que apesar de visto por alguns como simples e mais uma brincadeira infantil, foi nessa experiência inicial que o mestre encontrou uma possibilidade prática e deu continuidade a esse fazer cultural. Como vimos, nos relatos anteriores, essa expansão de saberes deu-se com a criação de novos grupos de bumba meu boi, que ainda (re)existem atualmente, assim como com a criação e fundação do Boi da Floresta, consolidando-se como ponto de cultura de grande importância para a cultura maranhense e na vida das diversas pessoas de sua comunidade.

Durante a finalização das entrevistas, Lucília Melônio nos disse:

Só a gente pegar uma criança que fica o dia inteiro correndo por aí e resgatar, trazer pra sede, isso é muito gratificante. Aí se engaja nos projetos, quer ser Cazumba, tocar pandeiro, aprender qualquer coisa e não quer mais voltar para aquela vida. Se torna um artesão, um bordador, um percussionista... Tu sabe que a gente é coração de mãe, cada um que se agrega é felicidade pra gente.

A fala de Lucília traz a dimensão da importância do Barracão como instrumento de mudança estética e social para a comunidade. As atividades

promovidas dentro do barracão são, na maioria das vezes, ministradas pelos próprios integrantes do grupo, quem ministra é quem brinca. Esses por sua vez, encontram no boi além do acolhimento, a oportunidade de exercer um papel educativo e de transmitir os saberes adquiridos à frente. Assim como os entrevistados, Neto Silva, Ana Karina, outros integrantes, que também entraram no grupo ainda na infância, puderam descobrir no Boi da Floresta uma outra perspectiva de vida.

A partir desta pesquisa, encontro o senso de pertencimento que venho tentando recuperar desde a minha reaproximação com o bumba meu boi. Compreendendo o motivo por qual as culturas populares estão presentes e influenciam minhas criações artísticas, pedagógicas, científicas, pois identifico que foi por meio delas que me inseri no universo artístico. Assim como o reforço escolar da minha infância, que foi citado na introdução deste trabalho, o espaço do Boi da Floresta é um dos diversos pontos de ações culturais espalhados pelo Brasil.

Pensar na historicidade do bumba meu boi de modo geral é identificar um passado carregado de lutas e resistência do povo preto. Atualmente esses grupos seguem na resistência encontrando outras dificuldades, como a sua própria inserção nas práticas de ensino.

Pensar e lançar um olhar para o Boi da Floresta é uma oportunidade de enxergar caminhos de um presente onde a cultura pode ser a chave para a educação e para a formação através de saberes implementados na prática organizacional do barracão. Apesar de não saber como o espaço do Barracão será configurado daqui há alguns anos, enxergo nele inúmeras possibilidades, desde instituto de formação a centro de cultura, entre outras. Concluo afirmando que ele é, acima de tudo, um espaço socio pedagógico de inclusão social e de transmissão de saberes culturais. Através das atividades desenvolvidas como as oficinas de bordado, dança, percussão e outras ações propostas pelo barracão, tem-se a promoção do ensino-aprendizagem e a formação estética de pessoas da comunidade, permitindo que os brincantes construam dentro do boi novas e suas

próprias narrativas, construam suas famílias, suas experiências estéticas e suas memórias coletivas. Sendo assim, o boi por si só é uma ação-arte, é uma ação cultural.

REFERÊNCIAS

ABRAO, C. F. Z.. BRINQUEDO DE ESCRAVOS: O Bumba meu Boi do Maranhão no século do progresso. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL NO SÉCULO XIX, 2019, Natal. III Seminário Internacional Brasil no século XIX., 2019.

AGÊNCIA IBGE. Um em cada cinco brasileiros com 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupado em 2022. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>>. Acesso em: 10 de jun de 2024.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo/SP: Ática/UNESCO, 2010. pp.181-218.

BORRALHO, Tácito Freire. O teatro do Boi do Maranhão – brincadeira, ritual, gestos e movimentos. 2012. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

BOSSARD, Giselle. Brincando na Floresta. 2015. Disponível em: https://youtu.be/o083wgkU_EM?si=zP-CYqcVhrYZuE76

COELHO, Teixeira. O que é ação cultural! São Paulo: Brasiliense, 2001. -- (Coleção primeiros passos; 216)

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Angela Maria da Ressurreição de; OLIVEIRA, Ana Lise Costa de; O olhar da juventude para a cultura popular na escola básica. 2013. São Cristóvão - SE. VIII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10339/2/1.pdf>

MANHÃES, Juliana Bittencourt. Memórias de um corpo brincante: a brincadeira do cazumba no bumba meu boi maranhense. 2009. 208f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Carolina C. de Souza. Política e cultura nas histórias do bumba meu boi no Maranhão: São Luís do Maranhão, século XX. 2015. Dissertação (Pós graduação em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

RIBAS, A. F. P; MOURA, M. L. S. Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 129-138, jan./abr. 2006, p. 129 - 38.

TAVARES, Bráulio. O contemporâneo e o tradicional: diálogos, conflitos e convergências. In: Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. Anais... Brasília: Ministério da Cultura, p. 141-150, 2005.

TIRIBA, L; BARROS, Maria Isabel Armando de. Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2ª ed. Rio de Janeiro: Criança e Natureza/Alana, 2018.

VASCONCELOS, Gisele Soares de. O Cômico no bumba meu boi. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.
